

Camilo na ESG: Apesar de inflação de 90%, País continua vivendo be

Apesar de uma inflação superior a 90 por cento, o País est. a vivendo bem, graças a medidas governamentais que funcionam como tranquilizantes. Este foi o ponto de vista expresso ontem pelo Ministro da Indústria e do Comércio, Camilo Penna, em entrevista concedida após conferência na Escola Superior de Guerra.

Para ele, os tranquilizantes têm que ser substituídos pelo combate efetivo à inflação, razão por que vem recomendando a desindexação da economia, com o fim de reduzir gradualmente a correção monetária. Camilo Penna disse que "se a correção continuar a ser feita em cima dos 90 por cento, não se estará fazendo outra coisa senão perpetuar a inflação".

AS DIFICULDADES

Camilo Penna afirmou que os dois principais obstáculos à liberdade econômica são o balanço de pagamentos e a inflação. O problema do balanço de pagamento poderá ser reduzido e depois removido através de superávits

comerciais crescentes, enquanto a inflação deverá ser atacada em várias frentes, mediante a desindexação gradual, a redução da inflação importada e uma melhor relação entre produto e capital.

— Alguns perguntam se há rumos a seguir e quais são estes rumos. Parece haver mais pessimismo do que confiança; mais pessimismo do que coragem; mais senso de frustração do que reconhecimento de novas realidades — disse.

Para o Ministro, a dívida externa brasileira resulta dos déficits de comércio, da conta de serviços e dos juros. Não resulta de financiamento aos investimentos das companhias estatais. Ao contrário, elas são agentes criados pelo Governo para a captação de recursos no exterior e não a causa dos déficits.

MODELO EXPORTADOR

Camilo Penna disse desconhecer a constituição de um novo órgão voltado para o comércio exterior.

— A atividade econômica brasileira

está passando do modelo importador para o modelo exportador. Até o ano passado, éramos importadores. Estamos iniciando a nova fase, não para pagar as dívidas externas, mas para reduzi-las.

Sobre a possibilidade de se exportar mais álcool do que açúcar, o ministro lembrou que os preços do combustível no mercado internacional também não são convidativos. Mas de qualquer maneira, a indústria açucareira tem "massa de manobra" para transformar o açúcar em álcool e conseguir melhores resultados. Foi graças a isso que foi possível uniformizar em 20 por cento a adição de álcool anidro à gasolina vendida em todo o País.

Para ele, a relação entre o álcool e gasolina não constitui risco de aumentos mais frequentes no preço da gasolina. Garantiu que o último aumento da gasolina, justificado pela necessidade de se elevar o preço do álcool, foi uma decisão específica. Camilo considera que no futuro poderá até ocorrer o inverso: a gasolina não aumentar por causa dos preços mas reduzidos do álcool.